

Descer da nuvem

LEILA DANZIGER (INSTITUTO DE ARTES / UERJ)

RESUMO

O texto apresenta algumas anotações sobre a exposição que realizei no Museu Judaico de São Paulo, de 30 de julho de 2022 a 29 de janeiro de 2023. Proposta para o mezanino da antiga sinagoga, construída em 1928, inaugurada como museu em 2021, a exposição teve como um de seus eixos a lembrança de que aquele espaço era a *mehitzá*, o lugar apartado, destinado às mulheres no serviço religioso. Os trabalhos expostos procuraram estabelecer diálogos com documentos do arquivo, objetos do acervo, e sobretudo com a biblioteca da instituição. *Descer da nuvem*, como entendo no contexto dos arquivos e do trabalho de memória, é liberar, colocar em movimento, assumir compromissos terrestres.

ABSTRACT

The text presents some notes on the exhibition I held at the Museu Judaico de São Paulo, from July 30, 2022 to January 29, 2023. Proposal for the mezzanine of the former synagogue, built in 1928, inaugurated as a museum in 2021, the exhibition had as one of its axes the reminder that that space was the *mehitzá*, the place set aside for women in religious services. The works sought to establish dialogues with archive documents, objects from the museum's collection, and above all with the institution's library. *To walk down from the cloud*, as I understand it from the context of the archives and work with memory, is to liberate, put into motion, assume earthly commitments.

PALAVRAS-CHAVE

arte contemporânea, arquivo, nome próprio

KEYWORDS

contemporary art, archive, proper name

Descer da nuvem¹

LEILA DANZIGER (INSTITUTO DE ARTES/UERJ)

*Os nomes de pessoas – cujo sopro significa um rosto
– os nomes próprios em meio a todos esses nomes e
lugares comuns – não resistem à dissolução do sentido
e não nos ajudam a falar?*

Emmanuel Lévinas

Infra-arquivo

A primeira pista que segui ao me aproximar dos arquivos e do acervo do Museu Judaico de São Paulo foi perguntar sobre o que (ainda) não tinha nome. O que aguardaria no limbo do arquivo para ser efetivamente integrado ou então descartado?

Há alguns anos, pesquisei no Arquivo Nacional as listas de passageiros dos navios que trouxeram refugiados judeus do nazifascismo ao Brasil. Ao conviver com os documentos, me perguntei como inscrever, nas imagens que produziria, os nomes dos ausentes, daqueles que *não* encontraram um navio e um porto. Talvez uma de minhas buscas mais insistentes seja voltada para os vestígios do que não alcança o arquivo, a construção de uma espécie de infra-arquivo.

Repertoriar vestígios e nomes, relacioná-los, seguir vivendo com eles, talvez sejam as ações mais constantes desde o início de minha prática artística. Penso no nome próprio como um rosto, a parte mais nua e vulnerável do corpo humano, como diz Emmanuel Lévinas (Lévinas, 1976, p. 9).

É a esse apelo do nome-rosto, em sua vulnerabilidade, o que de forma direta ou indireta venho tentando responder, mesmo que isso se turve por momentos e não seja evidente em várias séries de trabalhos.

.....
1. Este texto é uma versão alterada e ampliada do publicado no catálogo da exposição Descer da nuvem, editado pelo Museu Judaico de São Paulo, e lançado em outubro de 2022.

Os que carregam os arquivos²

O privilégio do convite para expor no Museu Judaico foi a imersão em seus arquivos, o contato com documentos e objetos físicos, e não apenas digitalizados, trazidos pelas mãos de Ruth, Linda, Theodora, Judith, Leonardo e Messias. E os sigilo chamando apenas assim, com a intimidade do primeiro nome, o que nos é tão especial. O material a que me apresentaram é infinitamente mais amplo e fascinante do que aquilo que pude propor efetivamente ao diálogo expositivo. Lamento não ter conseguido integrar à mostra os rascunhos e as penas de ganso usados na rigorosa disciplina do sofer (escriba) Lázaro Deutsch; os retalhos de renda de Johana Heyman; cadernetas com endereços e telefones há muito emudecidos; diários de classe que contêm a vida escolar de tantos; cabides feitos durante a guerra por Herman Dohan (porque mesmo em situações extremas há que se manter a ternura e alguma elegância); calendários de Jahrzeit, que nos lembram o aniversário de morte de pessoas queridas ao longo de 50 anos; o papel de carta do sanatório Ezra, em São José dos Campos, destinado a “tuberculosos pobres”; alguns volumes do Talmude da Babilônia, organizado e traduzido para o alemão por Lazarus Goldschmidt, poucos anos antes da destruição do mundo judaico europeu.

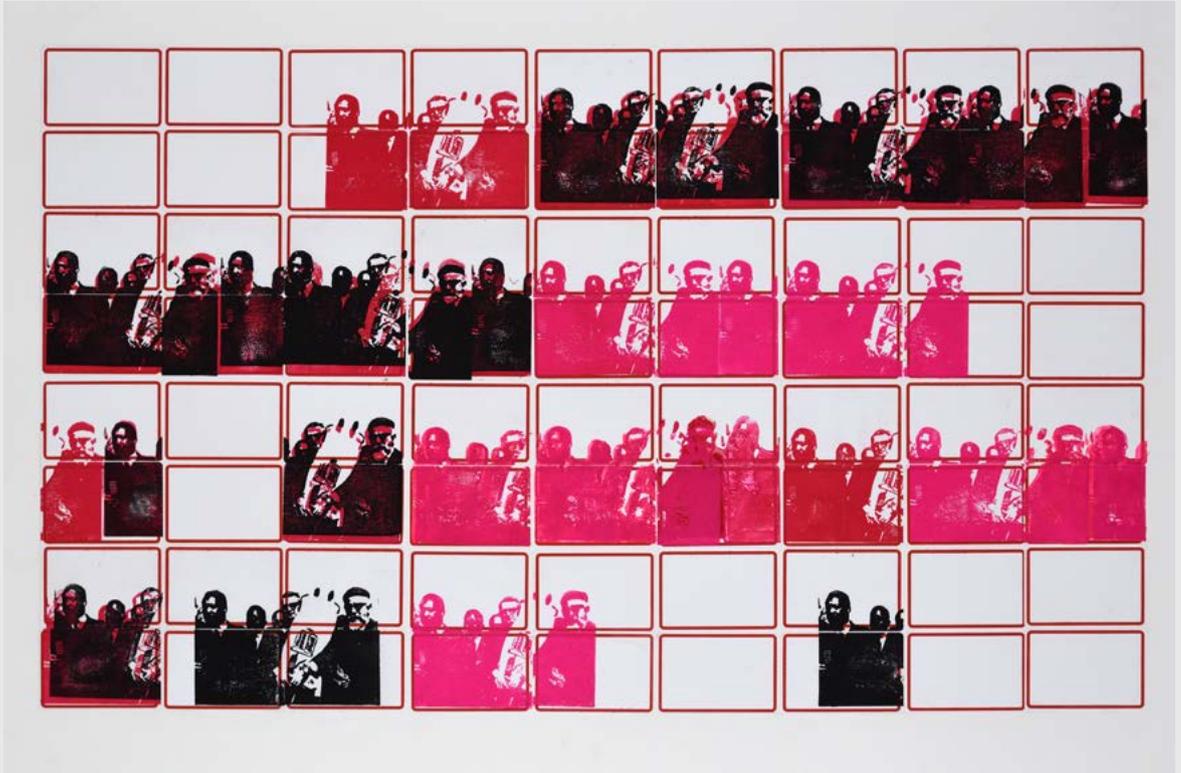
Na impossibilidade de promover o encontro físico desses objetos na exposição, reúno-os aqui, em forma de texto, tentando dar conta de outras configurações de imagens e objetos que poderiam ter sido apresentadas a partir do que encontrei nas coleções do Museu.

Doar, transmitir, reinventar

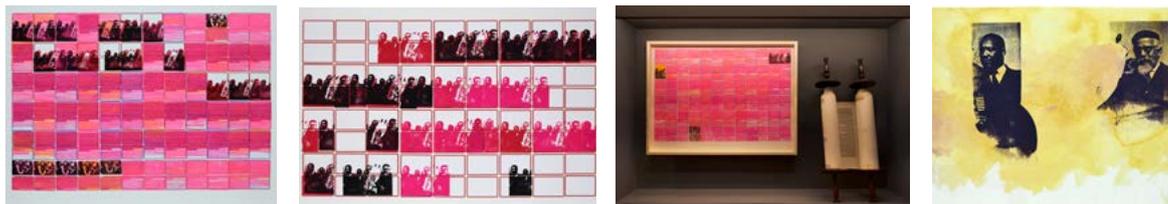
Não lembro bem quando meu pai me contou: ao ficar noivo de minha mãe, que não era judia, minha avó decidiu doar para uma instituição judaica carioca um pequeno rolo da Torá que trouxera da Alemanha e que estava na família por duas ou três gerações. Embora a doação de uma Torá a uma sinagoga seja considerada uma honra para a família doadora, neste caso vejo a doação como um sinal de que, para minha avó, a família constituída por seu único filho se afastaria do judaísmo. Ela não teve tempo de ver que estava errada. Ao menos, em parte. De todo modo, perdas e rupturas são formas paradoxais de construir pertencimentos. E não acredito que permanecer numa tradição, seja ela qual for, constitua um valor em si mesmo. Permanecer ou reinscrever-se numa tradição cultural ou religiosa exige rever os acordos dessa inscrição, perguntar-se continuamente sobre seu sentido.

.....
2. Subtítulo inspirado por Olívia Gomes da Cunha (Cunha, 2020).

Martin e Abraham • Imagens 1, 2, 3, 4



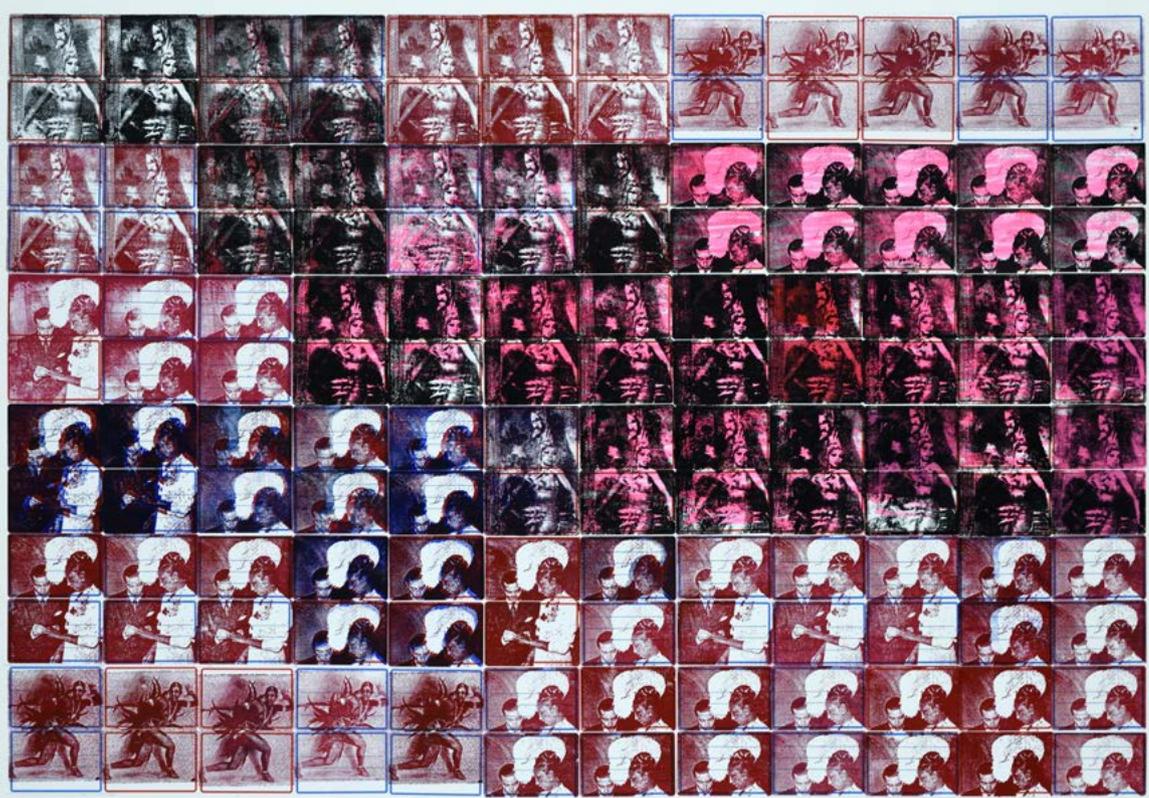


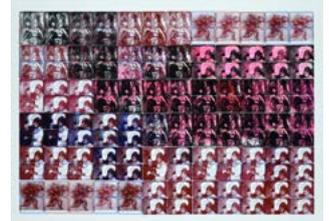


Um dos eixos da exposição apresentada teve como ponto de partida uma fotografia de 1968, com a qual convivo há um bom tempo. Nela, vemos o rabino Maurice Eisendrath carregando um rolo da Torá. Ele segue entre o reverendo Martin Luther King Jr. e o rabino Abraham Joshua Heschel, numa das longas caminhadas que fizeram juntos, em meio a outras lideranças religiosas, na luta pelos direitos civis de pessoas negras nos Estados Unidos. É no contexto dessas célebres manifestações que o Rabino Heschel disse uma frase que se tornou famosa: “senti que minhas pernas rezavam”.

Creio que o rolo da Torá, carregado na manifestação, reafirma a sua vocação política, no sentido básico de estar “entre os seres humanos”, ou melhor, de estar “entre seres humanos diferentes”, como Hannah Arendt define a política (Arendt, 2022). Vale lembrar também que no cotidiano dos serviços religiosos judaicos há toda uma coreografia envolvendo a saída da Torá da arca, quando ela é carregada, exibida, beijada e, enfim, lida e interpretada (uma tarefa sem fim). Em Simchat Torá, festa que marca o reinício da leitura do Livro, é costume abrir o rolo inteiramente, e também dançar com ele.

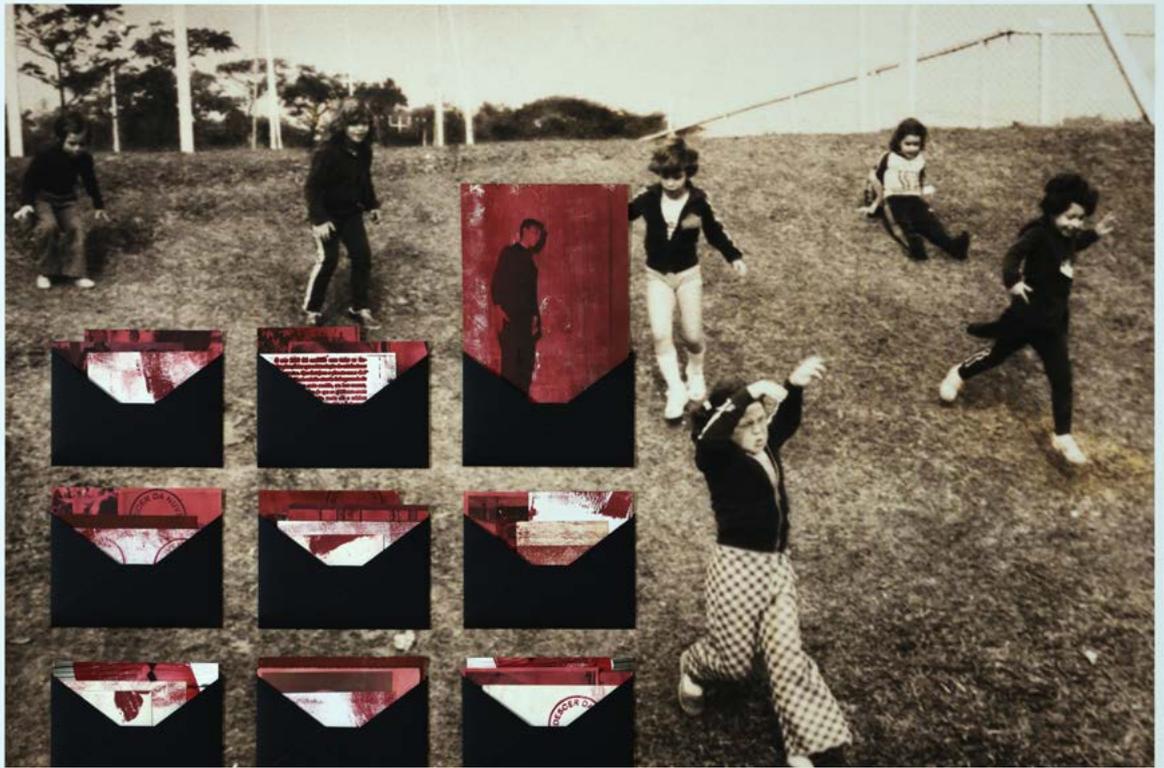
Na exposição, escolhi trazer um rolo da Torá para o espaço da arte, interrogando as alianças entre a arte, o espiritual e o político. É nesse sentido que, para além da alusão à nuvem como a plataforma virtual em que armazenamos continuamente nossos arquivos, a escolha do título da exposição foi decidida pela voz de Louis Armstrong, por um célebre *spiritual* cuja letra remete à passagem do Êxodo/Shemot em que há uma injunção a descer do alto, do monte em que Deus fala a Moisés e manda recados para o faraó, que prendia o povo de Israel no Egito – *Go down, Moses! Let my people go*, canta Armstrong. Descer da nuvem, como entendo no contexto dos arquivos e do trabalho de memória, é liberar, colocar em movimento, assumir compromissos terrestres, atualizar antigas promessas à luz das urgências do presente. E, também, inventar danças e coreografias com o passado, tudo o que nos libere.

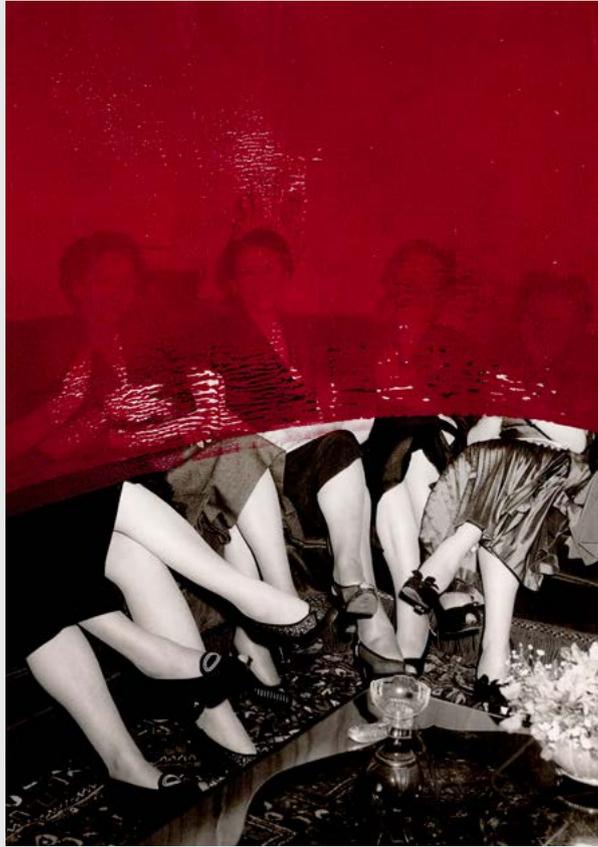




Uma das surpresas que encontrei nos arquivos do Museu Judaico foi um álbum de autógrafos que pertenceu a Hugo Schlesinger, escritor que se interessou em promover o diálogo entre judeus e cristãos, entre outros tópicos. Em meio a seus cadernos de viagem, papeizinhos e anotações diversas, encontramos o autógrafo de Josephine Baker, que além de artista excepcional, atuou na Resistência francesa durante a ocupação do país pelos nazistas na Segunda Guerra Mundial. Mais tarde, na década de 1960, Josephine lutaria contra o racismo, ao lado de Martin Luther King Jr. Sua grafia preenche uma das páginas do caderno de Schlesinger expandindo-se em diagonal, ampla e generosa, como os inúmeros papéis que ela assumiu em vida, e que procuro inscrever no espaço da exposição pelo ritmo e pela repetição de alguns de seus movimentos de dança.









O que fazer com a quantidade avassaladora de fotografias repetidas, feitas quando o ato de fotografar era ruidoso e ouvíamos ainda o barulho do disparador? A singularidade das fotos que encontrei nos arquivos do Museu é seu caráter coletivo: são imagens de grandes grupos em reuniões sociais, jantares, colônias de férias. Colocadas lado a lado constroem um denso romance comunitário, um curioso cineminha, como chamei uma das séries, onde parece só haver lugar para a felicidade. Por instantes até conseguimos esquecer que a felicidade ali, no que diz respeito às pessoas mais velhas, ao menos, é uma camada fina e quebradiça. Se pudéssemos ouvir as vozes das pessoas que estão numa das fotos do *Lar dos velhos*, com a qual convivi intensamente ao longo do processo de trabalho, teríamos uma miríade de sotaques e um vigoroso coro em ídiche, essa língua que teima em sobreviver e que, como escreveu Kafka, é percorrida por levas migrantes, totalmente feita de palavras estrangeiras.

Por outro lado, no conjunto de fotos prestes a serem descartadas (porque repetidas e semelhantes), encontrei a presença encantadora da infância. E olhei as fotos das crianças tendo ao ouvido as perguntas de Rosana Kohl Bines: “Para onde as infâncias nos arrastam na correria? Arriscaríamos compor com elas outros inícios? Pronunciar com elas as frases que ainda irão nascer?” (Bines, 2022).





Creio que a menina Andrea, retratada por sua mãe, a pintora Bertha Worms, era da mesma geração de minha avó, aquela que doou o rolo da Torá. A tela de Worms, que hoje integra o acervo do Museu Judaico de São Paulo, é de 1909, ano em que minha avó, Irene Abraham, aos 11 anos, nem sonhava que um dia trocaria o bairro de Charlottenburg, em Berlim, pela Tijuca, na Zona Norte carioca, o que aconteceu logo após a promulgação das leis raciais de Nuremberg, em 1935, que destituiriam os judeus da cidadania alemã.

Em *Balangandãs*, mostro uma pulseira que contém pistas da vida de Irene. Certo número de pingentes – um globo terrestre, uma gaiola, um avião e o Corcundi-nha (aquele que aparece na *Infância berlinense*, de Walter Benjamin) são de sua vida alemã, enquanto um pandeiro, uma ferradura, duas figas e um mapa do Brasil são marcos de seu devir brasileiro. Associar à joia a silhueta da mulher negra, que aparece em uma aquarela de Debret, é a camada de sentido que eu acrescento à pulseira, como sua vocação e destino no Brasil, pois entendo a judeidade – a experiência subjetiva feita a partir da herança religiosa e/ou cultural judaica – como um etos, um engajamento existencial do lado dos mais vulneráveis.

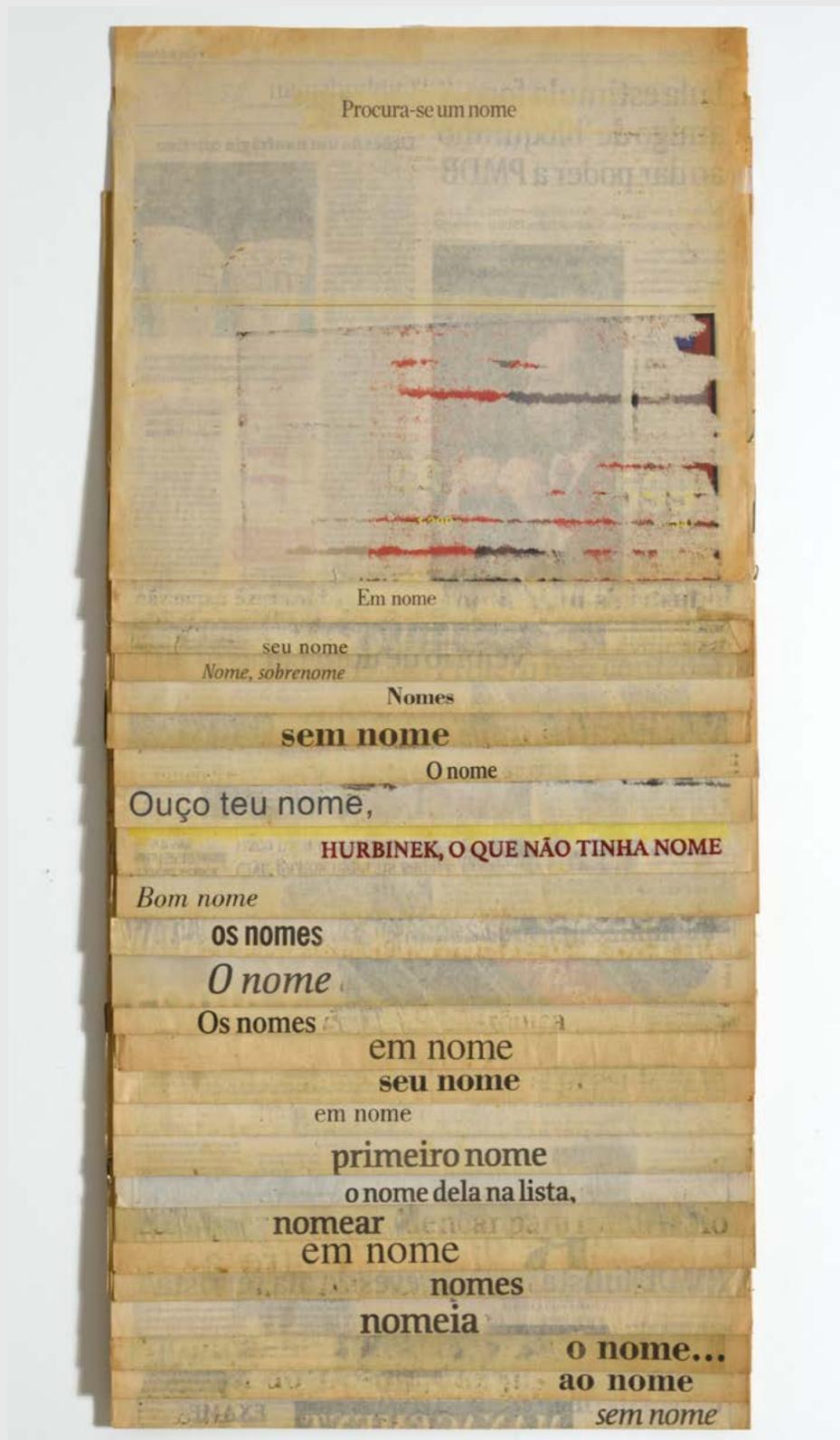
Mehitzá/ Separação • Imagem 14





Outro eixo da exposição diz respeito ao próprio lugar em que a mostra se realiza, no balcão que até o início deste século era destinado às mulheres, de onde elas acompanhavam o serviço religioso e podiam ver, mas não deveriam ser vistas. Duas fotos instaladas no guarda-corpo que delimita o mezanino lembram essa antiga separação (*mehitzá*), que foi desaparecendo aos poucos nas correntes progressistas do judaísmo. Dedico essa intervenção à Beruriah, que teria vivido no século II, uma das raras mulheres valorizadas no Talmude por sua própria capacidade reflexiva e conhecimento. Como observa a rabina francesa Delphine Horvilleur, a presença (histórica ou mítica) de Beruriah é uma espécie de grão de areia na máquina da exegese talmúdica, uma das fissuras do texto, que assim insere certa autocrítica a partir de seu interior: “Beruriah é aquela que, no coração do sistema de hegemonia masculina e de exclusão do feminino, faz ressoar uma voz dissonante” (Horvilleur, 2013, 165).

Para Hurbinek, o que não tinha nome • Imagens 15 a 25



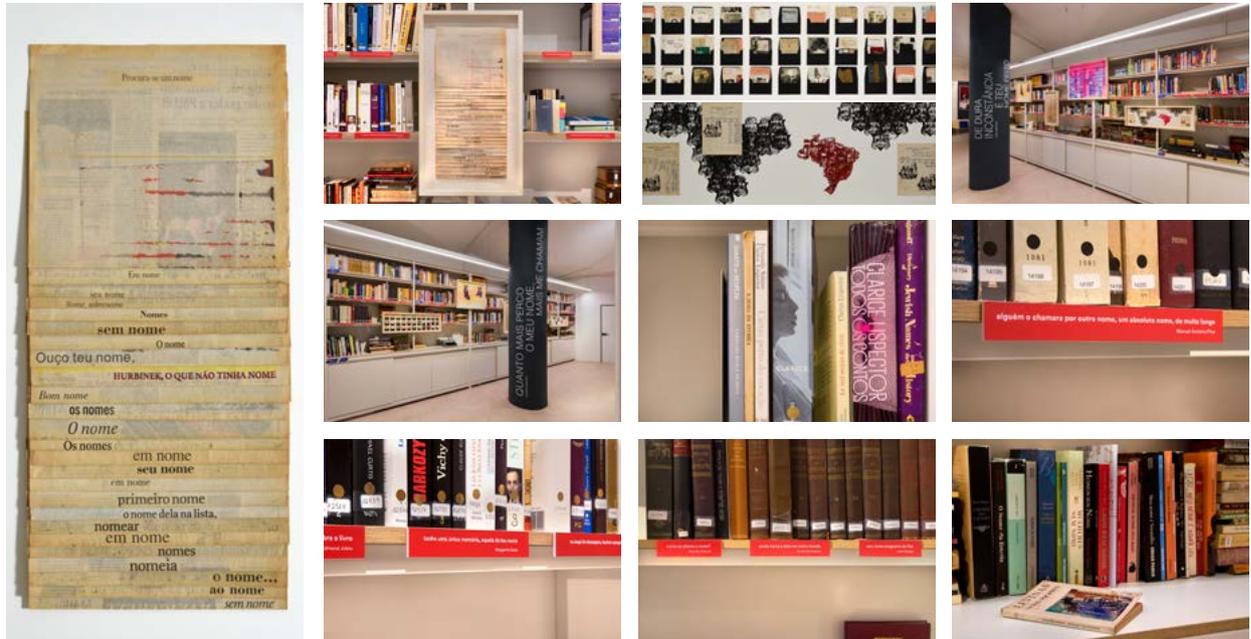












Durante vários anos apaguei seletivamente jornais impressos, por um método extrativo, compreendendo esse apagamento como uma forma de leitura – crítica, ativa, em movimento, feita com o corpo em integridade. É um desejo similar – o de propor uma leitura ativa e corporal –, que move a intervenção que propus para a biblioteca *O povo do livro*, situada no centro do espaço expositivo, e que contém uma pequena parcela dos livros do Museu Judaico.

Uma biblioteca é uma biografia material, escrita com as palavras dos outros, lembra Paul B. Preciado na crônica “Um amor de biblioteca” (2019), em que o filósofo nos fala das ordens e desordens dos livros em meio às relações amorosas. Suas reflexões fazem eco a “Desempacotando minha biblioteca”, de 1931, em que Walter Benjamin descreve um percurso de 12 horas arrumando seus livros – do meio-dia à meia-noite – tarefa que permanecerá inconclusa, pois seus livros estarão para sempre dispersos antes mesmo de sua morte, em 1940, na fronteira da Espanha.

Não sei quantas bibliotecas sobrevivem naquela que hoje integra o Museu Judaico, mas há um grande contingente de livros em ídiche, remanescentes de escolas, coleções particulares, clubes, e muitas outras bibliotecas desfeitas. Estes são livros migrantes, desalojados, sobreviventes, livros que perderam seus leitores. A ocupação que fiz na biblioteca recebeu diversos trabalhos idealizados especialmente para dialogar com suas seções e prateleiras. Parti do desejo de que ela fosse vista como um texto em si mesmo, um organismo vivo, em expansão, em crise, em processo. Em seu centro, instalei o apelo do nome daquele que intitula essa revista, o nome de Hurbinek. Creio ser desnecessário apresenta-lo aqui. Mas retomando a epígrafe de Emmanuel Lévinas,

que abre esse texto – de que os nomes são como rostos que nos ajudam a falar –, creio que é o sopro do nome de Hurbinek, que tenho ouvido continuamente desde o final da década de 1980, o que me faz falar, balbuciar, gaguejar, hesitar, recomeçar, errar, fracassar, insistir, esperar, ou seja, o que me faz partir à procura da produção de sentidos, mínimos que o sejam. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, H. 2002. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BINES, R. K. 2022. *Infância, palavra de risco*. Rio de Janeiro: Numa Editora.
- CUNHA, O. G. da. 2020.
- DANZIGER, L. 2008. “Melancolia à brasileira: A aquarela *Negra tatuada vendendo caju*, de Debret”. *19&20*, Rio de Janeiro, v. III, n. 4. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/obras/melancolia_ld.htm. Acesso em 30/06/2023
- LÉVINAS, E. 1976. *Noms propres*. Montpellier: Fata Morgana.
- HORVILLEUR, D. 2013. *En tenue d'Ève: féminin, pudeur et judaïsme*. Paris: Grasset.
- PRECIADO, P. B. 2019. “Un amour de bibliothèque”. *Passa Porta*, 23 sept. Disponível em: <https://www.passaporta.be/fr/magazine/un-amour-de-biblioth%C3%A8que>. Acesso em 30/06/2023
- LEVI, P. 1997. *A Trégua*. São Paulo: Companhia das Letras.

LISTA DE IMAGENS

1. **Martin Luther King e Abraham J. Heschel # 2**, 2021
tinta gráfica (carimbo) sobre etiqueta e cartão, 50 x 76 cm
Foto: Wilton Montenegro
2. **vista da exposição Descer da nuvem (vitrine)**
Martin Luther King e Abraham J. Heschel # 3, 2021
tinta gráfica (carimbo) e iluminador sobre etiqueta e cartão, 104 x 76 cm
Torá, c. 80 anos, autoria desconhecida, doação: Colégio I. L. Peretz
Foto: Daniel Cabrel
3. **Martin Luther King e Abraham J. Heschel # 4**, 2021
tinta gráfica (carimbo) sobre etiqueta e cartão, 76 x 104 cm
Foto: Wilton Montenegro

4. Martin e Abraham, 2022

serigrafia, tinta acrílica e tinta gráfica sobre papel

50 x 65 cm

Foto: Wilton Montenegro

5. Josephine #2, 2022

tinta gráfica (carimbo) e iluminador sobre etiqueta e cartão

104 x 76 cm

Foto: Wilton Montenegro

6. Lar #2, 2022

envelopes, fotografias e cartões postais sobre impressão com tinta de pigmento mineral sobre papel de algodão, 53 x 81 cm

Foto: Wilton Montenegro

7. Lar #1, 2022

envelopes e monotípias sobre impressão com tinta de pigmento mineral sobre papel de algodão

Foto: Wilton Montenegro

8. Descer da nuvem #1, 2022

envelopes e monotípias sobre impressão com tinta de pigmento mineral sobre papel de algodão, 75 x 102 cm

Foto: Wilton Montenegro

9. vista da exposição Descer da nuvem

Foto: Daniel Charbel

10. Bailinho #1, #2, #3

impressão com tinta de pigmento mineral sobre papel de algodão e espelho,

72 x 41 cm

Foto: Daniel Charbel

11. Sem título (da Série Cineminha Comunidade), impressão com tinta de pigmento mineral sobre papel de algodão, 144 x 102 cm

12. Andrea, 1909 (pintura de Bertha Worms, do acervo do Museu Judaico de São Paulo, óleo sobre tela, 59 x 45.5.

Bailinho #6, 2022

impressão com tinta de pigmento mineral sobre papel de algodão e espelho

50 x 31 cm

Foto: Daniel Charbel

13. Balangandãs, 2012

carimbo e pulseira

16 x 16 cm

Foto: Daniel Charbel

14. Mehitzá/ Separação, 2022

impressão em vinil sobre o guarda-corpo do espaço expositivo

Foto: Daniel Charbel

15 e 16. Para Hurbinek, 2002/ 2022

Carimbo sobre jornal apagado e cliques de metal 70 x 32 cm

17. Os que aguardam, 2022

envelopes, fotografias e impressos sobre cartão.

32 x 100 cm

18. Ex-libris, 2022

carimbo e fichas de biblioteca sobre cartão

32 x 100 cm

19, 20, 21, 24, 25. Vistas da intervenção “A escolha do nome, eis tudo” (2022)

Livros, obras diversas e frases impressas sobre PVC (com uma coleção de frases que contém o substantivo “nome”).